

Capítulo 4 – O esporte a serviço da pátria

O início da década de 1940 foi marcado por um grande acontecimento no campo esportivo brasileiro. Após dois anos de estudos, as autoridades do Estado Novo instituíram, em 1941, o Conselho Nacional de Desportos (CND)¹, assumindo de vez a organização e o controle da prática esportiva no país. Tratava-se da concretização das aspirações de Thomaz Mazzoni, o coroamento de sua campanha na imprensa a favor da ordem e da disciplina que deveriam reger o esporte nacional. Foi assim como forma de celebrar a criação do CND e de ajudar a definir sua missão que, naquele mesmo ano, o cronista publicou seu segundo e último livro doutrinário: *O esporte a serviço da pátria*, publicação que incluía o texto completo da regulamentação federal do esporte brasileiro.²

A questão central do livro, como sugere o título, era a reflexão sobre a função do esporte para o engrandecimento do Brasil e para a construção de uma verdadeira nacionalidade brasileira. Ao contrário do livro *Problemas e aspectos do nosso futebol*, formado através de uma compilação de crônicas escritas ao longo de toda a década de 1930, a obra em questão foi organizada com crônicas escritas para o próprio livro após a instauração do CND – constituindo, assim, um deliberado esforço de construção de uma reflexão mais aprofundada sobre o tema que talvez fosse imprópria para as páginas da *Gazeta*.

Assim como outros livros de sua autoria, *O esporte a serviço da pátria* não tinha editora, sendo uma publicação custeada e promovida apenas pelos recursos e iniciativa de Thomaz Mazzoni. Ao publicá-lo às próprias custas, o jornalista tratava de afirmar um palanque de exposição organizada de suas reflexões sobre a função nobre que atribuía ao esporte em sua relação com a construção da nacionalidade brasileira. Por outro lado, o livro também serviria para influenciar os caminhos que o órgão recém criado iria tomar, expondo claramente a missão elevada que o jornalista atribuía ao órgão.

¹ Diário Oficial. Decreto Lei de 14 de Abril de 1941.

² MAZZONI, Thomaz. *O esporte a serviço da pátria*. S/e. São Paulo, 1941. P. 50 – 61.

No Prólogo” do livro, Thomaz Mazzoni realiza um balanço dos primeiros 11 anos do governo Vargas e sua política para o esporte. Segundo ele, “o esporte no Brasil evoluiu muito, devendo não pouco dessa evolução à nova mentalidade política que começou a dominar o país desde aquela data.” Com base na afirmação podemos entender que o jornalista associava a evolução do esporte brasileiro, desde 1930, à ascensão do governo Vargas e seu regime autoritário, isto em razão do “auxílio oficial, que nunca faltou as nossas maiores manifestações esportiva”. Segundo ele, os governos antecedentes não agiam da mesma forma, negando apoio ao esporte mesmo “quando o Brasil poderia bem figurar numa Olimpíada!”.³ Para Mazzoni isso seria um grande erro, dado que competições esportivas como as olimpíadas serviriam para estreitar relações entre os países, aproximando de forma pacífica nações que anos antes estavam em guerra. Elas constituíam ainda, em sua opinião, uma oportunidade de o Brasil mostrar o valor de sua mocidade, pondo-se em “cortejo” com atletas de outros países. Era por esse motivo que o livro começava por reconhecer o valor da política esportiva do governo de Getúlio Vargas, à qual se propunha a fortalecer com seu livro.

Os contemporâneos que tivessem acompanhado com cuidado sua produção nos anos anteriores bem saberiam, no entanto, que o entusiasmo de Mazzoni naquele momento era uma relativa novidade. Bem conhecidas seriam, para eles, as críticas constantes do jornalista à “indiferença dos mentores dos esportes pátrios diante dessas demonstrações de cultura física abertas a todos os povos”, como afirmou em 1929 nas páginas do *Almanach Esportivo*⁴.

Como exposto no capítulo anterior, em 1934 o cronista chegou até mesmo criticar a atuação dos dirigentes esportivos da nova república, atacando diretamente a figura de Luiz Aranha.⁵ Todavia, a própria ida do mesmo Luiz Aranha à presidência da CBD seria na obra de 1941 uma “conquista de valor

³ MAZZONI, Thomaz. Op. Cit. P. 16. No *Almanach Esportivo 1929* Mazzoni explicitou como atribuída importante papel as Olimpíadas já que estas “constituem um importante meio de seleção de valores no domínio da cultura física e da inteligência, concorrendo ainda, e de modo eloqüente, para aproximar as nações, estreitando relações de amizade que existem entre elas.” MAZZONI, Thomaz. *Almanach Esportivo 1929*. S/e. São Paulo, 1929, P. 11.

⁴ MAZZONI, Thomaz. *Almanach Esportivo 1929*. Op. Cit. P. 13.

⁵ *A Gazeta*. 10 de Dezembro de 1934.

incalculável”, demonstrando claramente sua mudança de posicionamento político em relação tanto ao regime como pela figura do dirigente. Não somente este fato, mas outros como a criação do Departamento de Educação Física de São Paulo, da Escola Nacional de Educação Física e Desportos, a abolição do imposto federal sobre o esporte, a criação do primeiro grande estádio Municipal, o Pacaembu, entre outros, seriam exemplos de uma nova forma de gerir e administrar o esporte no Brasil.⁶ Todas essas conquistas, nas palavras do cronista, estariam acontecendo desde a instauração do Estado Novo - momento em que passou a adotar um tom de esperança sobre o futuro do esporte, por crer que, assim como em outras instâncias sociais, o Estado poderia encampar e administrar o esporte brasileiro, como havia proposto no livro *Problemas e aspectos do nosso futebol*. Cabe, assim, tentarmos entender os motivos desse entusiasmo, e o modo pelo qual ele se configura no livro de 1941.

4.1 O Estado a serviço do esporte:

Para dar forma a esta proposta, Mazzoni abre o livro com um “Prólogo” no qual enumera diversas ações do governo federal para auxiliar o desenvolvimento esportivo no Brasil. Segundo escrevia o jornalista, o governo Vargas teria encarado o esporte como função oficial do Estado, e por isso seria fácil compreender o que representava a prática esportiva nas diretrizes do Estado Novo: esse passaria “a colocar-se a serviço da pátria!”⁷ A própria escolha da única imagem do livro – uma foto de Getúlio Vargas jogando golfe, que aparece na já na terceira página – revelava sua admiração pelo presidente, e a ligação da obra então publicada com os ideais do regime por ele capitaneado.

Sob inspiração da imagem de Vargas e de sua nova política esportiva, o autor passava a tratar do papel preponderante que atribuía ao Estado no processo de desenvolvimento do esporte e da educação física no Brasil.⁸ Segundo Mazzoni, tão anunciar a intenção de intervir no âmbito esportivo, o Estado Novo não

⁶ MAZZONI, Thomaz. “Prologo” In *O esporte a serviço da pátria*. Op. Cit. P. 16.

⁷ MAZZONI, Thomaz. “Prologo” In *O esporte a serviço da pátria*. Op. Cit. P. 17.

⁸ Tanto Penna Marinho como W. Calmon atribuíam à ação de Getúlio Vargas e do Estado autoritário o amparo e desenvolvimento da educação física no Brasil. MARINHO, Inezil Penna. *Revista Brasileira de Educação Física*. Ano II, Nº 17. Rio de Janeiro: Ed. A Noite, Maio de 1945. P. 165 - 169 e CALMON, W. *Revista Brasileira de Educação Física*. Ano I, Nº 10. Rio de Janeiro: Ed. A Noite, Outubro de 1944. P. 47 – 48.

chegava a constituir nenhuma novidade. Outros países já haviam estruturado seu campo esportivo desta forma, demonstrando as vantagens da atuação do Estado na área. Era o caso, dentre outros, da França, Espanha e Inglaterra, países que haviam vivido processo semelhante após a Primeira Guerra Mundial.⁹

Segundo Thomaz Mazzoni, este fato se relacionava a uma nova concepção sobre a educação expressa na criação, em 1918, da “Liga Internacional da Educação Nova”, que definiria sete princípios para a educação da juventude mundial.¹⁰ Segundo o autor, para alcançar tais metas os países teriam se conscientizado da importância que o esporte teria na educação de um povo. Foi dessa forma, segundo ele, que “nasceu a teoria ‘Esporte dirigido pelo Estado’ que em breve passou a se generalizar, transformando-se em verdadeiro programa dos governos surgidos de movimentos nacionalistas”.¹¹ Teria, portanto, o desporto se tornado uma verdadeira função do Estado – pois de acordo com esta teoria, o bom andamento da prática física seria de interesse público, já que estaria associada a toda a formação social e educacional de um povo. Visto a partir desta “tendência moderna” como “fonte de disciplina, energia e cultura da mocidade”¹², o esporte seria uma fonte de incremento psicológico de disciplina, fisiológico de energia e social de cultura, ajudando a aperfeiçoar tanto o indivíduo quanto a Nação.

Mazzoni não estava sozinho ao defender esse tipo de concepção. Como ele, muitos outros autores também refletiam, naquele momento, sobre os benefícios trazidos pelo esporte para a sociedade. A compreensão de que o esporte e a educação física poderiam engrandecer a nação foi largamente difundida a partir da década de 1920 entre parte de intelectuais, militares, pedagogos e médicos brasileiros, que viam no aspecto cívico e eugênico dessa prática uma forma de servir a nação.¹³ De forma concomitante, o próprio Estado brasileiro passou a exercer políticas e intervenções tanto sobre a prática física como desportiva, tentando mobilizar ações neste sentido principalmente após a criação do Ministério da Educação e Saúde. Dessa forma, tanto Estado quanto parte da

⁹ MAZZONI, Thomaz. “Prologo”. Op. Cit. P. 17.

¹⁰ MAZZONI, Thomaz. “A evolução esportiva mundial”. Op. Cit. P. 37.

¹¹ Ibidem.

¹² Ibidem.

¹³ PARADA, Maurício. *Educando corpos e criando a nação: cerimônias cívicas e práticas disciplinares no Estado Novo*. Ed. Apicuri e Ed. PUC – Rio. Rio de Janeiro, 2010. P. 158 - 160.

intelectualidade do período construíram um discurso em favor da prática física, sendo o esporte uma forma de aumentar o interesse da população pela mesma.¹⁴

Neste sentido, na década de 1930a educação física estaria, não somente para Thomaz Mazzoni, intimamente ligada ao conceito de eugenia. Ressalte-se, nesse sentido, o trabalho de Fernando de Azevedo, pioneiro na área ao publicar em 1916 a tese “Da educação física”, na qual procurava construir uma concepção moderna sobre a disciplina.¹⁵ A preocupação com a saúde visava não a cura, mas a preservação das boas condições do físico. Esta parte da medicina, denominada higiene, tinha como objetivo dar avisos úteis para prevenir doenças e fortalecer o corpo. Estas possibilidades a partir da prática física se encaixariam perfeitamente no intuito de reorganizar o mercado de trabalho, onde a educação do corpo e do espírito caminhavam de forma conjunta. E seria sob este aspecto físico e moral que se construiria trabalhadores mais disciplinados e capazes fisicamente.¹⁶ Dessa forma, o esporte e a educação física teriam função prática diretamente na construção de uma força de trabalho mais eficiente no Brasil, ajudando, portanto, a desenvolver de uma maneira geral o país.

Era este o campo no qual se inseria Mazzoni. Para ele, o esporte seria um instrumento perfeito para aumentar a qualidade do trabalho do homem brasileiro. Devido aos problemas sociais específicos do Brasil, não poderia o regime profissional futebolístico brasileiro seguir o mesmo modelo europeu, isto é, onde os jogadores possuem apenas o vínculo empregatício com o clube, exercendo apenas a atividade como atletas. Por esta razão, propunha que todo jogador de futebol tivesse outro emprego além desta ocupação, dado que, de seu ponto de vista, “no Brasil não falta trabalho a ninguém”, afirmava assim que estes esportistas teriam condições atléticas excelentes para exercer diferentes funções.¹⁷ Dessa forma, se seu texto tratava especificamente dos atletas de alto

¹⁴ Leonardo Pereira sugere que desde 1904 este papel foi atribuído aos esportes, como mostrava a tese defendida na Faculdade de Medicina da Bahia pelo médico Álvaro Reis. Cf. PEREIRA, Leonardo. “Higiene e sport” In *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902 – 1938)*. Ed. Nova Fronteira. Rio de Janeiro, 2000. P. 44.

¹⁵ CAPELATO, Maria Helena. *Os arautos do liberalismo: imprensa paulista 1920 – 1945*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1989. P. 85.

¹⁶ *Ibidem*. P. 87.

¹⁷ MAZZONI, Thomaz. “O profissionalismo brasileiros” In *O esporte a serviço da pátria*. Op. Cit. P. 108.

rendimento, também estendia sua análise para a utilidade do esporte em relação ao mercado de trabalho nacional.

Por outro lado, para Thomaz Mazzoni, o próprio trabalho quando aplicado aos atletas também seria uma forma de educação e formação. Defendendo a proposta do profissional de futebol ter outra ocupação além do trabalho como atleta, afirmava:

“Obrigando-se o profissional esportivo a ter outra profissão faze-lhe um bem, pois o seu futuro estará garantido contra a vagabundagem, a incapacidade de trabalho, a miséria. A obrigação do esportista profissional ter outra ocupação não iria, como se pode julgar, afetar seus treinos, sua forma, suas atividades, isso porque o ramo dessa ocupação não seria designado e sim escolhido pelo profissional que para isso procuraria, enquanto engajado, afazeres que não atrapalhassem seu preparo técnico, sua vida esportiva”.¹⁸

Deste modo, compreendendo a vida profissional do futebolista como passageira, acreditava que se desde a trajetória como atleta o jogador brasileiro pudesse exercer outra função estaria livre de males sociais diversos. Mais exatamente, estaria este livre da vagabundagem e da miséria, podendo de forma organizada combinar ambas as funções, não comprometendo nenhuma das atribuições. Para o jornalista, o trabalho seria para o esportista uma prática educadora por excelência, assim como era o esporte de uma maneira geral.

No que diz respeito à construção de uma moral e ética do homem brasileiro a partir do esporte, Thomaz Mazzoni defendia ser o desporto fonte de “cultura para a mocidade”.¹⁹ Mais exatamente, o cronista tratava de uma das premissas que se constituiria a prática desportiva, o *fair play*. Segundo o autor, o exemplo do “fair-play”, “palavra mágica que deve dominar todos aqueles que se integram no esporte”, e seus ideais de “disciplina”, “solidariedade” e “inter-ajuda” estariam no cerne da formação de um novo perfil de cidadão. Quando bem orientado e praticado, o esporte seria assim uma maneira lúdica de despertar comportamentos e práticas importantes para a boa moral do homem brasileiro.²⁰ A prática esportiva diária se convertia, dessa forma, em um processo educativo contínuo, oferecendo instruções “modernas” baseadas na temperança, sobriedade e moderação,

¹⁸ MAZZONI, Thomaz. “A evolução esportiva mundial”. Op. Cit. P. 37.

¹⁹ MAZZONI, Thomaz. “A evolução esportiva mundial”. Op. Cit. P. 37.

²⁰ MAZZONI, Thomaz. “Fair-play”. Op. Cit. P. 101 – 102.

principalmente no futebol, prática com forte contato físico e seria nesses momentos que o fair play agiria para acalmar os ânimos e evitando confusões.

Por outro lado, além de fortalecer o corpo do homem e promover um comportamento sadio, a prática física também ajudaria a desenvolvê-lo biologicamente. Segundo Fernando Azevedo, ela não poderia criar algo que a natureza não teria dado ao homem brasileiro, mas poderia desenvolver, aperfeiçoar e dirigir o que esta criou. Os exercícios seriam um agente transformador higiênico, desenvolvendo o organismo e sua estrutura, o que a longo prazo criaria uma “raça forte, cujos caracteres se tenham firmado e cujas virtudes tenham sido desenvolvidas e apuradas pela ginástica ao ar livre”.²¹ Poderia, dessa forma, a educação física ser objetivo de regeneração étnica e social, sendo o trabalho muscular, corretamente conduzido, passível de desenvolvimento da inteligência, do psiquismo e das forças morais dos indivíduos.²² Deste modo, como ação eugênica, o desporto seria um meio para a superação de um problema que estava na formação racial do povo brasileiro.²³

O próprio Thomaz Mazzoni pontuou bem claramente este ponto na introdução do anuário *Almanaque Esportivo de 1928*. Comentando sobre o incremento do interesse pela prática física no Brasil escreveu:

“Hoje, a nossa mocidade como um gigante que se ergue, incitou e estendeu suas energias para a educação física em geral, em proveito de um futuro são da raça, dando-nos a expectativa do maior número de homens fortes e úteis a pátria. Em todos os ramos esportivos, temos uma falange de moços que se dedicam com ardor em seu desenvolvimento e esforçam-se para formar uma geração esportiva digna da grandeza do Brasil”.²⁴

Para o jornalista, seria através da prática física que se desenvolveria “um futuro são da raça”, o que converteria em um “maior número de homens fortes e úteis a pátria”. Deste modo, o autor deixava claro a sua opinião sobre importância que o esporte assumia para a “pátria”, sem esquecer o aspecto competitivo do desporto, também frisando que a atenção da mocidade sobre este construiria uma

²¹ AZEVEDO, Fernando. Apud. PARADA, Maurício. Ibidem. P. 181.

²² Ibidem. P. 179 – 183.

²³ Ibidem. P. 188 – 189.

²⁴ MAZZONI, Thomaz. “Duas palavras” In *Almanaque Esportivo 1928*. S/e. 1929. São Paulo. P. 09.

“geração esportiva digna da grandeza do Brasil”. Portanto, na fala de Mazzoni, a prática física adquiria também uma função social cívica.

Outras formas cívicas também foram compreendidas por parte de grupos específicos de intelectuais. Entre os militares consolidou-se uma abordagem que tratava a educação física como uma forma de preparar o soldado para a guerra e defesa da nação. Fora dentro do corpo militar que se criaram os primeiros órgãos de formação de profissionais para a área, com destaque para a Escola de Educação Física do Exército.²⁵ Os grandes eventos esportivos também se tornaram verdadeiras manifestações cívicas. Estádios como o Pacaembu e São Januário foram frequentes palcos de manifestações públicas, de solenidades oficiais e desfiles cívicos. Esse espetáculo representava um instrumento importante para mostrar a força do regime e para reforçar a imagem e os valores que o Estado Novo pretendia passar para a população. Como Parada afirmou, estas, junto com outros mecanismos de administração de massas, serviriam para uma *capilarização* de valores morais da cultura do regime, diante de um caráter pedagógico e de exemplaridade de concepções civilizacionais.²⁶

Dentro deste contexto, especificamente sobre o esporte alguns intelectuais associaram a sua prática ao desenvolvimento de sentimentos nacionais. Segundo Fernando de Azevedo, o esporte seria um poderoso meio de formar e criar sentimentos nacionais/coletivos em torno da nação. Segundo o autor:

“Os esportes, que tanto mais hão de expandir-se, quanto mais aprofundarem suas raízes em nossas tradições (...) numa poderosa força de coalizão nacional, num instrumento de consolidação da unidade política cuja base assenta na unidade fundamental do povo em formação, na unidade de tradições e na própria unidade linguística”.²⁷

Portanto, quanto mais os esportes se inserissem na cultura brasileira mais estariam ajudando na “coalizão nacional”, consolidando a unidade política do país, mesmo que o povo brasileiro fosse visto como uma entidade ainda em formação. O intelectual acreditava que por meio do esporte combinado com a

²⁵ Em 1929, sob forma experimental, foi criado o Curso Provisório de Educação Física, no ano seguinte fundou-se o Centro Militar de educação física, que em 1933 passou a ser chamar Escola de Educação Física do Exército. PARADA, Maurício. Op. Cit. P. 158 – 160.

²⁶ PARADA, Maurício. Op. Cit.

²⁷ AZEVEDO, Fernando de. APUD. DE SOUZA, Denaldo. Op. Cit. 84.

unidade de tradições e de língua, poderia estreitar os laços e sentimentos nacionais dos brasileiros.

Para João Lyra Filho, importante dirigente e pensador do esporte na década de 1930 e 1940, esta construção da nacionalidade seria mais importante nos jogos coletivos, quando a identificação com a nação seria ainda mais acentuada. A prática desse tipo de esporte criaria um sentimento de solidariedade entre os companheiros de time funcionando como uma metáfora prática em torno da questão da unidade nacional. Concomitante, sentimentos e ações então valorizadas, como a moderação na vitória e a resignação na derrota, também seriam adquiridos através da longa preparação esportiva.²⁸ Novamente, o esporte pela compreensão de Lyra Filho, ganhava um contorno moral e pedagógico, mas neste caso, norteado pela questão do patriotismo e espírito de pertencimento.

Esta construção ilusória do sentimento de pertencimento e nacionalismo ocorreria diante do embate dos selecionados nacionais em competições esportivas internacionais. De forma concomitante, estas competições ajudariam a construir uma boa imagem para o país internacionalmente, isto porque, segundo Lyra Filho, acreditava-se que diante dos resultados esportivos se relevaria as condições orgânicas de cada povo e sua formação social:

“As competições desportivas, entre povos distintos, revelam as condições orgânicas de vida em função de cada povo. E será fácil ver, então, através dos resultados, nessa ou naquela competição, nesse ou naquele desporto, as peculiaridades do meio social, que influenciam o atleta”.²⁹

Em suma, a compreensão sobre o esporte na primeira metade do século XX no Brasil, estaria fortemente associado a três dimensões: a biologia (vida orgânica), a sociologia (vida social) e a psicológica.³⁰ Em Thomaz Mazzoni apesar de diálogos com essas diversas apropriações, há a preponderância da noção sociológica, onde o autor compreendia o conceito de educação através do esporte. A educação física e o desporto serviriam assim como uma forma de adaptação do indivíduo ao meio social, como nos exemplos que analisei: na melhoria do

²⁸ DE SOUZA, Denaldo. Op. Cit. P. 84.

²⁹ FILHO, João Lyra. *Revista Brasileira de Educação Física*. Ano I, Nº 5. Rio de Janeiro: Ed. A Noite, Outubro de 1944 P. 16.

³⁰ MARINHO, Inezil Penna. *Revista Brasileira de Educação Física*. Ano I, n. 2. Rio de Janeiro: Ed. A Noite: Fevereiro de 1944.

desempenho no trabalho, na moral e caráter do indivíduo, no desenvolvimento do civismo e da construção sentimentos coletivos entre os brasileiros. Mesmo não estando sozinho nessas apropriações, o jornalista esportivo produziu uma construção única sobre o papel do esporte para a melhoria do país, e sobre este conceito assim como da própria criação do CND que Thomaz Mazzoni escreve em *O esporte a serviço da pátria*.

4.2: A identidade nacional e a importância social do esporte:

Ainda que dialogasse com autores do seu tempo no que dizia respeito às vantagens e potencialidades do esporte para a formação nacional, nem por isso Mazzoni deixaria de manifestar um ponto de vista singular. Sua apropriação estava muito mais próxima dos torcedores e cidadãos comuns que faziam da paixão esportiva aliada ao orgulho nacional, principalmente do futebol, uma verdadeira febre como fora visto no contexto da Copa do Mundo de 38 - gerando o que Mário Filho descreveu como “uma sadia onda de patriotismo”.³¹ Neste sentido, traduzia de modo prático o que em seu entendimento significaria o esporte a serviço da pátria, ou o esporte como função de Estado.

Na crônica “Força viva do Brasil novo” Thomaz Mazzoni identificava o caminho que para ele se construiria uma verdadeira disciplina esportiva. Começava, em tom de exaltação, afirmando que “a regulamentação federal já é uma realidade”, o que era “motivo para novas e grandes esperanças para todos”. Mesmo assim, sugeria também que seria ainda trabalhoso e longo o caminho de enquadramento efetivo do esporte nas “forças do Brasil Novo” – pois “sua própria existência interna está prejudicada em todos os centros do país, por velhos males de orientação e, muito particularmente, por vícios da politicalha e do mandonismo pessoal”. Seria assim através do estabelecimento de uma rígida hierarquia, que tal obra poderia se desenvolver:

“Todos os dirigentes do esporte oficializado, integrado como atividade do Estado, devem ser responsáveis perante seus superiores, assim como a maior autoridade esportiva deve dar conta da sua missão ao governo. Portanto, os cargos devem ser de confiança. Para a direção, as autoridades oficiais indicarão os presidentes, por

³¹ *Jornal dos Sports*, 24 de Maio de 1938.

sua vez, devem escolher os seus auxiliares entre esportistas capazes e de sua confiança”.³²

Dessa forma, sendo o esporte uma atividade do Estado, a hierarquia esportiva começaria através das autoridades oficiais que indicariam os presidentes de federação, que por sua vez, prosseguindo a cadeia de confiança, escolheriam seus auxiliares “entre esportistas capazes e de sua confiança”. E esta linha não parava por aí, também os clubes e seus cargos deveriam fazer parte:

“Para os clubes não devem ser INDICADOS os presidentes, mas, sua indicação, pelos próprios clubes, deve merecer a APROVAÇÃO das autoridades superiores do esporte. E também nos clubes uma vez aprovados os nomes dos presidentes, estes devem escolher os seus auxiliares. Formar-se-á, assim, uma cadeia de confiança, desde o mais alto dirigente até o posto mais modesto”.³³

Portanto, o jornalista acreditava que do posto mais alto até o de menor importância, todos deveriam trabalhar em prol do esporte pelo Brasil Novo, construindo, assim, uma forte hierarquia baseada na confiança e respeito à autoridade do Estado. Thomaz Mazzoni mais uma vez propunha uma medida de forte caráter centralizador e realçando a presença do Estado neste processo, não havendo, portanto, espaço para dissidências e liberdade para diferenças. O objetivo seria claro, a construção do esporte para engrandecer o país, e por isso, a confiança não poderia ser destruída ou posta a debates e discussões em torno dela.

Mas qual seria este sentido único construído para o esporte através desta estrutura rígida? Thomaz Mazzoni responde no final do texto: “ter de fato a mocidade esportiva vanguardista da mocidade do Brasil no esporte um ideal, uma Causa para engrandecer e dignificar a Pátria”.³⁴ O desporto nacional constituiria, dessa forma, uma causa com letra maiúscula, como escreveu o jornalista, ou seja, um elemento de primeira importância da vida nacional, uma missão que dignificaria e engrandeceria o “Brasil Novo”.

Seguindo linha semelhante, nos artigos seguintes, o cronista analisaria quais os caminhos que deveriam ser trilhados para engrandecer o país a partir do esporte. Na crônica “As grandes figuras e os feitos excepcionais que honraram o nome do Brasil perante o estrangeiro”, Mazzoni escreveu:

³² MAZZONI, Thomaz. “Força viva do Brasil Novo” In Op. Cit. P. 28 – 29.

³³ Ibidem.

³⁴ Ibidem.

Precisamos, pois, cultivar no esporte o amor da Pátria. As nossas verdadeiras glórias esportivas, os verdadeiros esportistas que serviram o Brasil são somente aqueles que honraram seu nome onde quer que competiram, aqueles que com as suas vitórias, com os seus recordes fizeram subir no mastro do triunfo a bandeira auri-verde! São esses os únicos e verdadeiros esportistas que se tornaram dignos da gratidão da Pátria, porque perante o estrangeiro, em lutas leais e cavalheirescas, demonstraram o valor da sua raça, contribuíram para ser falado, admirado e prestigiado o nome do torrão natal!”³⁵

O trecho deixa claro o primeiro dos motivos pelos quais o esporte deveria ser valorizado. Para o jornalista, o grande objetivo do esporte seria o de mostrar o valor e as qualidades da raça no embate direto com outras nações, através de atletas que fizessem “ser falado, admirado e prestigiado o nome do torrão natal”. Sendo assim, era nos resultados esportivos, mais exatamente nas vitórias e glórias do desporto nacional, em que os atletas fizeram subir no “mastro do triunfo a bandeira auri-verde”, que se reconhecia a força do homem brasileira e se construía a sua nacionalidade. Era através desses exemplos que se cultivaria e consolidaria o amor à pátria, o orgulho nacional – justamente o elemento que, para Thomaz Mazzoni e outros intelectuais do período, mais faltaria aos brasileiros.³⁶

Este problema ficaria evidente em tom de crítica na própria continuação da crônica citada:

“Tudo devido à vida dissoluta que o nosso esporte teve desde que nasceu... até degenerar de todo, como o atesta o exemplo típico daquele futebolista que, escalado para disputar a ‘Taça Roca’, declarou que iria jogar mas pouco se incomodando com a sorte da seleção nacional, uma vez que lhe interessava somente defender as cores do seu clube! E pouco depois, confirmando essa tendência deplorável de um az, coube a um alto paredro clubista assegurar que devíamos acabar com o selecionado brasileiro! Pura degeneração, a amesquinhar os sentimentos nacionalistas do esporte, que deve ser um ideal muito mais elevado do que simples choque de dois clubes ou de duas regiões em disputa de um campeonato”.³⁷

Assim como fizera ao longo da obra *Problemas e aspectos do nosso futebol*, o autor atribuía essa situação ao modo de organização esportiva realizado desde o início da introdução do futebol no país, organização esta chamada de “vida dissoluta”. Resolvendo o problema da organização esportiva a partir da criação do CND, acreditava que esta situação se resolveria, não permitindo mais que

³⁵ MAZZONI, Thomaz. “As grandes figuras e os feitos excepcionais que honraram o nome do Brasil perante o estrangeiro”. In. Op. Cit. P. 66.

³⁶ Ver Cap. II.

³⁷ MAZZONI, Thomaz. “As grandes figuras e os feitos excepcionais que honraram o nome do Brasil perante o estrangeiro”. In. Op. Cit. P. 66.

exemplos tanto quanto do jogador que mostrava desinteresse pelos rumos da seleção, como do dirigente que de forma direta defendia o fim da seleção brasileira. Seria através da constituição do esporte como serviço de Estado impulsionando tanto a organização como os resultados dos mais diferentes selecionados, que se construiria e reforçaria o amor à pátria em detrimento do suposto “amesquinhar” anterior dos sentimentos nacionais.

Portanto, competições como as Olimpíadas teriam grande importância. Ainda assim, na crônica “O problema Olímpico brasileiro” o autor afirmou que até aquele momento tal questão ainda não havia sido tratada com seu devido cuidado por culpa dos dirigentes e antigos governantes. Como fizera em *Problemas e aspectos do nosso futebol*, o autor enfatizou por isso o papel da imprensa na mudança da mentalidade desportiva do Brasil, para que dessa forma pudesse se elevar o grau de cultura esportiva nacional – que seria o grande entrave para o progresso desta prática. Comentando a atuação brasileira nas Olimpíadas de 1936 em Berlim, relatou que o país fez 6 pontos, ficando em 31º lugar. Sobre esta atuação escreveu: “Para muitos profanos (destes não são poucos os que militam ativamente no esporte) o fato do nosso país ter se avantajado de 20 outras nações deve ter constituído um... belo feito”, e em tom de deboche continua “não somos dos últimos, portanto, devemos alegrar-nos, devemos orgulhar-nos.” Logo depois em tom enfurecido prossegue “quem foi que disse que iríamos ser ‘rabeira’?”.³⁸ Dessa forma, mostrando sua descrença na falada boa atuação do Brasil no torneio, ridicularizava seus companheiros de profissão que reafirmavam tal feito desnaturalizando o posicionamento brasileiro entre os últimos colocados. Por esta razão, contesta os defensores dessa ideia:

“Mas a realidade é bem outra, devemos olhar para os países que nos superaram, os pontos que fizeram e os que fizemos nós, e não levarmos em conta o que ficou além da nossa colocação. Triste realidade, triste lição. O Brasil, um país de 40 milhões de habitantes e que possui o esporte praticado em seus 21 estados, não obteve mais do que 3 quintos lugares com a miséria de 6 pontos, enquanto outros países de muito menos possibilidades que o nosso, deram uma maior demonstração de valor esportivo em Berlim.”³⁹

³⁸ MAZZONI, Thomaz. “O problema Olímpico brasileiro” In. *O esporte a serviço da pátria*. Op. Cit. P. 74 – 76.

³⁹ *Ibidem*.

Ao fim e ao cabo, o autor criticava a mentalidade do brasileiro que se contentava com uma colocação pífia, e que estaria longe da grandeza populacional do país em relação aos seus concorrentes. Era preciso ter objetivos maiores, não se contentar com essa colocação e “com a miséria de 6 pontos”, já que este era esse o momento de mostrar “o valor da raça em confronto com os estrangeiros”⁴⁰. Deste modo, assim como se referia aos jogadores brasileiros na Copa de 1938 e seu estilo de jogo, neste momento também criticou a mentalidade de alguns que acreditavam que a apresentação brasileira no torneio seria “um bom feito”.

Em outra crônica, “Caminho a percorrer”, novamente usou de ironia e forte tom de crítica quando afirmou que diante do “veneno de um dissídio” dos dirigentes brasileiros, mais uma vez os resultados não foram satisfatórios:

“Naturalmente, no futuro faremos mais dois pontos e os profanos dirão que progredimos, e como em 1936 surgirão os basbaques que pretenderão erigir um monumento aos que alcançaram um quinto ou sexto lugar; dar-nos-emos por satisfeitos quando no regresso, ao invés de trazeremos o resultado de ensinamentos, apresentarmos desculpas ridículas, senão tolas; que ‘não venci porque aconteceu isso’; ‘se os regulamentos não fossem aqueles teríamos batidos todos’; ‘que a vitória não foi nossa por culpa dos juízes’ e outros argumentos próprios de mentalidades inferiores”.⁴¹

Prosseguindo seu modo de pensar, criticou a mentalidade que se instaurou entre os governantes que além da pouca atenção com esporte também não almejavam melhores resultados para a equipe brasileira. Em sua formulação, afirmava que os brasileiros não deveriam se contentar com as péssimas colocações, e mesmo quando estas ocorressem, o mais importante seria tirar ensinamentos. Mas ao contrário disso, os dirigentes apresentavam “desculpas ridículas” para os fracassos brasileiros, demonstrando aquilo que Thomaz Mazzoni chamou de “argumentos próprios de mentalidades inferiores”. Dessa forma, novamente estaria em jogo não uma questão física dos atletas nacionais, mas sim, cultural não somente desses, mas, principalmente, daqueles que o cronista acreditava que deveriam formar e conduzir o esporte nacional. Seriam essas mentalidades inferiores, e por isso, se contentavam com os péssimos resultados obtidos até então. Por outro lado, Thomaz Mazzoni pregava outra

⁴⁰ Ibidem. P. 76.

⁴¹ MAZZONI, Thomaz. *O esporte a serviço da pátria*. Op. Cit. P. 77.

forma de pensar, sempre almejando melhores posições e o progresso do esporte nacional como um todo.

Podemos observar um ponto comum em todas as obras de Thomaz Mazzoni e que fica evidente na argumentação sobre o desempenho brasileiro nas Olimpíadas: em momento algum o jornalista chega a citar ou culpar os atletas brasileiros por algum tipo de fracasso. Em algumas oportunidades este chega mesmo a elogiar alguns deles, que mesmo sob condições pouco favoráveis conseguiram competir de igual para igual com outros atletas. Portanto, assim como explicou em 1938 o desempenho superior dos jogadores italianos frente aos brasileiros a partir da presença e direção do Estado ⁴², e de acordo com sua compreensão dos jogadores de futebol como psicologicamente incapazes se organizarem dentro e fora de campo, ⁴³ encarava os atletas brasileiros em sua maioria como meros coadjuvantes nesse processo.

Deste modo, tinha uma formulação teórica bastante difundida entre intelectuais brasileiros na década de 30 – sejam eles aparentados com o pensamento autoritário ou não. Em linhas gerais, muitos intelectuais do período acreditavam que cada cidadão tinha seu lugar na sociedade. Por esta razão, enfatizavam o papel de liderança da elite diante de um projeto político pedagógico e esta noção justificaria uma hierarquização da sociedade. ⁴⁴ Por outro lado, segundo Bresciani, nas décadas de 20 e 30 o argumento do despreparo político da população brasileira esteve presente em diversos matizes do pensamento político configurando um verdadeiro lugar comum - este e outros argumentos serviram para alguns pensadores como justificativa para a instauração de um governo autoritário. ⁴⁵ O próprio Sérgio Buarque de Hollanda afirmou que seria necessário “algum elemento sólido, inato na alma do povo, ou mesmo implantado pela tirania, para que possa haver cristalização social” – mas, logo depois se apressa

⁴² MAZZONI, Thomaz. *Problemas e aspectos do nosso futebol*. Op. Cit. P. 88.

⁴³ *Ibidem*. P. 161.

⁴⁴ Estas ideias foram muito influenciadas pela dimensão psicológica de Gustave Le Bon que sustentava, em síntese, “que em decorrência da natureza humana o homem isolado pode ser civilizado, mas em multidão retorna à barbárie, caracterizada pela espontaneidade, pela ferocidade e pelo heroísmo”. Diante do surgimento das sociedades de massa o francês enfatizava que para o não retorno a “barbárie” e a “ferocidade” seria preciso uma elite que organizasse a sociedade. FAUSTO, Boris. Op. Cit. P. 51

⁴⁵ BRESCIANI, Maria Stella Martins. P. 306.

em afirmar que existiam outros remédios, além da tirania, para a consolidação e a estabilidade de um conjunto social e nacional.⁴⁶

Por esta razão, o jornalista propunha Na crônica “Caminho a percorrer” medidas governamentais voltadas para a questão da organização, e que assim permitissem ao esporte brasileiro melhorar seu desempenho dentro do território nacional. Uma delas seria a de criar 21 braços do Comitê Olímpico Brasileiro em todos os estados: “de modo a acompanhar, passo a passo todo o desenvolvimento esportivo do país”.⁴⁷ Proposições como essas mostravam que seu emprego na *Gazeta* lhe permitia conhecimento direto e profundo sobre os problemas e aspectos do desporto nacional. Suas análises partiam muito mais de sua própria compreensão diária e prática dos problemas que o esporte pudesse ter do que de formulações teóricas e acadêmicas sobre este. Exemplo disso era uma crônica em que relatava a dificuldade que dirigentes tinham para organizar competições em São Paulo, diante disso, propunha a criação de um único departamento para o esporte paulistano:

“Para se organizar uma competição não se pode calcular a ‘via crucis’ desses dirigentes. Percorrem repartições, delegacias, departamentos, durante uma semana e às vezes chega domingo e não se pode realizar a prova, porque falta cumprir um dessas formalidades!”⁴⁸

Outra sugestão, agora diretamente endereçada ao Ministro Gustavo Capanema, foi à criação de uma cadeira sobre “História esportiva” na Escola de Educação Física e Desportos. Esta cadeira teria como objetivo a formação de profissionais que conhecessem a história do esporte no Brasil, e principalmente as conquistas e grandes feitos esportivos brasileiros.⁴⁹ Assim como mostrou na introdução do *Almanach Esportivo 1928*, e na própria criação deste anuário⁵⁰, Mazzoni enfatizava a importância da história para que se crescesse a “cultura

⁴⁶ Ibidem. P. 300.

⁴⁷ MAZZONI, Thomaz. *O esporte a serviço da pátria*. Op. Cit. P. 79.

⁴⁸ Ibidem. P. 31.

⁴⁹ MAZZONI, Thomaz. “As grandes figuras e feitos excepcionais que honraram o nome do Brasil perante o estrangeiro”. *O esporte a serviço da pátria*. Op. Cit. P. 104 – 107.

⁵⁰ Sobre a relevância do *Almanach Esportivo* escreveu: “O esporte conquistou definitivamente um pouco de nossas vidas e extensa parte de nossa sociedade. Não nos interessa somente os acontecimentos locais como gerais, e daí a procedência do *Almanach Esportivo*, destinado a ser um órgão de publicidade anual onde os nossos atletas, clubes e afeiçoados possam encontrar um registro, completo o mais possível, de provas, em todos os esportes, de vitórias, recordes, memórias, notas, biografias de esportistas de todo o mundo e de todos os tempos.” MAZZONI, Thomaz. *Almanach Esportivo 1928*. São Paulo, 1928, P. 9 – 10.

esportiva” no país o que levaria ao progresso do esporte brasileiro, e também ao que chamou de “disciplinarização das massas mental e fisicamente”, ou seja, a ordenação e adequação física em mental do povo brasileiro.⁵¹ A história seria um ponto central para que fosse possível lembrar “as grandes figuras e feitos excepcionais que honraram o nome do Brasil perante o estrangeiro”⁵² - e com este título escreveu uma crônica que descrevia os maiores feitos esportivos brasileiros até 1941. Neste sentido, assim como escreveu em 1928 sobre o *Almanach Esportivo* que este seria “o elemento de consulta, nos momentos duvidosos, onde se encontra registrado o progresso da educação física no mundo”⁵³, em 1941 propunha uma disciplina obrigatória aos estudantes de Educação Física para também registrar os progressos do esporte brasileiro.

A matéria de “História do Esporte” iria de encontro ao objetivo primordial do esporte sob o ponto de vista de Mazzoni, isto é, o de cultivar através do esporte o amor a pátria. Isto porque esta poderia criar uma memória sobre o desporto no Brasil, passando assim um caráter de exemplaridade para as novas gerações em relação às grandes conquistas do passado. Novamente com tal perspectiva, o cronista tinha o objetivo de elevar o patriotismo e o civismo nos atuais e futuros atletas brasileiros para que esses pudessem também realizar feitos excepcionais em competições internacionais, assim como orgulhar a população brasileiro em geral construindo o sentimento nacional.

Neste sentido, qualquer meio que pudesse melhorar o desempenho dos atletas brasileiros era bem quisto por Mazzoni. Por isso, o autor seria a favor do profissionalismo, fazendo campanha em prol deste regime desde seu início no comando da redação de *A Gazeta*.⁵⁴ Tal posição ia contra boa parte dos intelectuais do período, que viam no profissionalismo algo que deturparia os ideais esportivos. Isto porque, como analisei, os esportes eram vistos como parte integrante da educação social, física e cívica do indivíduo, e por isso, segundo eles, não comportaria o ganho salarial. O atleta seria pago apenas para divertir a

⁵¹ MAZZONI, Thomaz. “A evolução esportiva mundial” In *O esporte a serviço da pátria*. Op. Cit. P. 40.

⁵² MAZZONI, Thomaz. “As grandes figuras e feitos excepcionais que honraram o nome do Brasil perante o estrangeiro”. In *O esporte a serviço da pátria*. Op. Cit. P. 65.

⁵³ MAZZONI, Thomaz. *Almanach Esportivo 1928*. S/e. São Paulo, 1928, P. 9 – 10.

⁵⁴ Ver Cap. I.

multidão, sendo o torcedor um agente passivo do processo, ou seja, uma atividade ativa era transformada em passiva.⁵⁵ Em carta de 1940 remetida ao presidente Getúlio Vargas, o Ministro de Educação e Saúde, Gustavo Capanema, escreveu:

“Não se deve ainda esquecer a tendência, verificada entre nós, como em outros países, à profissionalização de grande número de atividades desportivas, fato (...) que precisa ser objeto da máxima atenção dos responsáveis pela educação nacional, visto que não se pode deixar de reconhecer que somente o amadorismo desportivo constitui processo educativo por excelência, merecendo, portanto do governo amparo especial e orientação conveniente. (...) No domínio das práticas desportivas, não raro podem implantar-se certos elementos de desnacionalização, e esta verificação é de molde a exigir medidas que, eliminando tais elementos, conservem os desportos permanentemente como um dos meios de educação cívica da mocidade e como uma viva expressão da energia nacional”.⁵⁶

Dessa forma, a carta enviada a Getúlio Vargas pelo Ministro Capanema – já então responsável pela DEF e que viria no futuro a dirigir a CND – deixava transparecer o entendimento de algumas autoridades em relação ao profissionalismo, sendo este entendido como algo que degeneraria a missão educativa do desporto, em contraponto com o amadorismo. Pior do que isso, o profissionalismo carregaria “certos elementos de desnacionalização”, já que inúmeros clubes estavam ligados em sua fundação a colônias estrangeiras, como o Palestra Itália, e o Vasco da Gama, por exemplo. Portanto, o profissionalismo não era encarado por ideólogos como Capanema nem como algo capaz de estimular a educação da mocidade nem “expressão da energia nacional.”⁵⁷

Afastando-se de tal perspectiva oficial, Mazzoni entendia de outra forma esta questão. Já no *Almanaque Esportivo 1939* afirmava que “julga-se ainda muito mal entre nós o profissionalismo do futebol”. Para o autor o futebol profissional, que arrecadaria muito dinheiro devido à sua popularidade, seria positivo, já que este dinheiro era empregado em esportes menos populares, como os amadores. Além disso, o regime profissional seria algo natural diante do desenvolvimento do futebol no Brasil, porque os jogadores passaram a dedicar muito de seu tempo aos

⁵⁵ DE SOUZA, Denaldo. Op. Cit. P. 92.

⁵⁶ Arquivo Gustavo Capanema, rolo 42, fot. 274, FGV/CPDOC. DE SOUZA, Denaldo. Op. Cit. P. 93.

⁵⁷ Mesmo após a instauração do CND alguns intelectuais ainda viam com ressalvas a prática do futebol profissional, sendo este entendido como fruto de escândalos e por isso “prejudica o deporte nacional” CF. MACHADO, Roberto. *Revista Brasileira de Educação Física*. Ano I, n. 2. Rio de Janeiro: Ed. A Noite: Fevereiro de 1944.

treinamentos e jogos.⁵⁸ Ou seja, o valor técnico era ressaltado pelo jornalista, já que dessa forma os jogadores melhorariam seu desempenho em campo podendo se dedicar mais tempo ao esporte. E também o valor financeiro, já que antes atletas se sacrificavam em prol dos clubes sem ganhar nada, e por isso tendo que trabalhar ainda mais para se manter economicamente.⁵⁹

Também em *O esporte a serviço da pátria* “Olimpicus” fez defesa ao futebol profissional. Na crônica “Falsos princípios”, afirmou que mesmo antes do profissionalismo o esporte bretão era visto com desconfiança pelas outras modalidades esportivas, que alegavam uma distinção em relação ao primeiro. Este era visto como “o irmão turbulento, viciado, à margem dos princípios esportivos.” Porém, na visão do autor isso não existia, já que “o mau espírito esportivo não está enraizado somente no futebol, como também em qualquer outro esporte”. Deste modo, o fenômeno do “clubismo” estaria entre os esportes amadores, e novamente a culpa disso seria a falta de “mentalidade esportiva” em todas as modalidades desportivas no Brasil.⁶⁰

Ao justificar a adoção de outra fonte de renda para os futebolistas além do futebol, o autor afirmou que estes “eram moços que pouco ou nada pensam no amanhã, esbanjam o dinheiro, acostumam-se a não trabalhar”, novamente o jornalista entendia os atletas como irresponsáveis. Esta opinião específica sobre os atletas nacionais também era compartilhada tanto por João Lyra Filho como por Fernando de Azevedo. O último compreendia os atletas nacionais como descontrolados, com instabilidades no sistema nervoso, sujeitos aos instintos e paixões.⁶¹ Já Lyra Filho, assim como Mazzoni, acreditava que o dirigente seria o responsável pela educação/controlar dos jogadores que possuiriam “um mal que

⁵⁸ MAZZONI, Thomaz. *Almanaque Esportivo 1939*. S/e. São Paulo, 1939, P. 79 - 81.

⁵⁹ Sacrifícios esses como o do jogador Fausto que morreu na miséria de tuberculose mesmo tendo sido um dos grandes jogadores brasileiros da década de 30 e passando por clubes como Vasco da Gama e Flamengo. Além dele outros jogadores de times grandes morreram de tuberculose e esses “casos dolorosos dos nossos futebolistas” foram relatados em tom de crítica aos dirigentes de futebol Cf. MAZZONI, Thomaz. *Problemas e aspectos do nosso futebol*. Ed. A Gazeta. São Paulo, 1939. P. 157 – 159.

⁶⁰ MAZZONI, Thomaz. “Falsos princípios” In *O esporte a serviço da pátria*. Op. Cit. P. 22 – 24.

⁶¹ DE SOUZA, Denaldo. Op. Cit. P. 95. Vale ressaltar que o mesmo termo “sistema nervoso” também foi cunhado por Mazzoni diferente vezes no livro *O Brasil na Taça do Mundo* quando comentava sobre as diversas expulsões dos jogadores brasileiros, porém, ressaltou a má atuação das arbitragens. Cf. MAZZONI, Thomaz. *O Brasil na Taça do Mundo*. Ed. Gazeta. São Paulo, 1938.

tem raízes na formação e perdura no estado orgânico e funcional do nosso povo.”⁶² Ou seja, mais uma vez a metáfora do atleta/homem brasileiro está presente nas formulações dos intelectuais do período. No entanto, se Azevedo criticava o “sistema nervoso” dos atletas em relação à forma como esses entendiam o esporte, e Lyra Filho em relação ao civismo, em caminho diverso Mazzoni novamente acentuava um caráter funcional, objetivo prático e menos teórico em suas críticas demonstrando, novamente, um conhecimento próximo e cotidiano dos problemas e questões que cercavam o esporte brasileiro. Neste caso específico, ficava latente para o cronista a problemática da ocupação do jogador de futebol depois que este encerrasse sua carreira esportiva. Enquanto esta durava pouco tempo e permitia que os atletas tivessem uma boa estabilidade financeira, no restante de suas biografias muitos acabavam ficando na pobreza, sendo não raro a observação de casos como o de Fausto.⁶³

Neste sentido, ao longo de diferentes momentos, Thomaz Mazzoni fez a defesa do profissionalismo sob a luz de diversos fatores. Se para o atleta esta seria uma opção vantajosa por conseguir manter uma boa fonte de renda, também não descartaria que este precise de uma fonte complementar, visando condições de vida propícias após o término de suas atividades esportivas, como também como forma de educa-lo. Por outro lado, deixava claro também as questões estritamente desportivas, isto é, os resultados práticos que o profissionalismo produziria. Para o jornalista, a partir da obtenção do salário, os jogadores de futebol poderiam melhorar seu desempenho e, de uma maneira geral, desenvolver e potencializar os resultados brasileiros em competições internacionais, dando orgulho e construindo uma boa imagem do Brasil no exterior. Por fim, também seria o futebol sob o regime profissional um grande patrocinador das práticas amadoras, visto sua popularidade e possibilidade de arrecadação para os clubes. Deste modo, contrapondo as críticas de parte da intelectualidade do período, Mazzoni defendeu o profissionalismo como um meio de desenvolvimento do esporte e da nação através deste mecanismo.

⁶² DE SOUZA, Denaldo. Op. Cit. P. 94.

⁶³ PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. Domingos do Brasil: futebol, raça e nacionalidade na trajetória de um herói do Estado Novo. Locus: Revista de História. Juiz de Fora, v. 13 n. 2. jul. – dez. 2007.

Outra crítica contida na carta de Capanema a Vargas se dirigia aos “elementos de desnacionalização” dos clubes de colônia, como Palestra Itália, por exemplo. Porém, Mazzoni longe de entender dessa forma, afirmou em tom positivo no *Almanach Esportivo 1929* que “em pouco tempo o Palestra ganhou popularidade” e revolucionou o esporte, “chamando aos campos milhares de novos afeiçoados” - o que em pouco tempo elevou o número de sócios e torcedores aos jogos do clube.⁶⁴ Assim o papel que times de colônia como o Palmeiras, e o Vasco da Gama, exerceram na popularização do esporte bretão levou “Olimpicus” a encará-los como benéficos ao esporte brasileiro. Pois partia da consciência da força e da popularidade do futebol, que seria o verdadeiro motor dessa transformação a ser operada através dos outros esportes.

4.3 O coração na ponta da chuteira:

A expressão que dá título a este subcapítulo, comum nos dias de hoje a todos aqueles interessados pelo futebol, apesar de muitas interpretações possíveis, podemos afirmar que em grande medida esta é usada para definir quando um jogador da seleção/time se aplica ao máximo em campo, jogando com toda a emoção e raça para atingir a vitória. Ou seja, que todos os seus sentidos, crenças, e forças estejam em prol de um objetivo, a vitória do selecionando nacional. Estas poucas palavras podem definir de forma geral muito do que Thomaz Mazzoni entendia sobre o papel de cada jogador brasileiro quando representava as cores verde e amarela. Isto porque as vitórias em campo, como analisei, serviriam para construir o patriotismo em cada cidadão, mostrar o valor da raça brasileira e contribuir para ser falado internacionalmente o nome do Brasil.

Não que a associação entre futebol e nacionalismo fosse nova. Na primeira oportunidade em que uma equipe formada por brasileiros disputou uma partida contra um selecionado estrangeiro, em 1908, já era observado pela imprensa “um interesse e entusiasmo fora do comum” pela disputa⁶⁵. Por esse motivo, cronistas de época já assinalavam o poder que um selecionado esportivo tinha em construir

⁶⁴ MAZZONI, Thomaz. *Almanach Esportivo 1929*. Op. Cit. P. 297 - 303.

⁶⁵ “Matches internacionais” In *Correio da Manhã*, 11 de Julho de 1908 Apud. PEREIRA, Leonardo. Op. Cit. P. 103.

sentimentos de patriotismo e entusiasmo dentre os mais diferentes grupos sociais – como escreve Paulo Barreto, em tom de surpresa:

“Estarei eu em vésperas dessa doença inexplicável que se chama patriotismo? Patriotismo por quê? Patriotismo limitado a um campo de futebol? Entretanto é verdade (...) E do desânimo eu caio na ansiedade à espera que nós – ‘nós’ – vencamos no campo do Paissandu”.⁶⁶

Construindo uma associação entre o próprio autor e o restante dos brasileiros, isto é, “nós”, em contraponto com o “eles” entendidos como os não brasileiros, o literato exprimiu em palavras um sentimento de identificação experimentado por ele e pela “multidão que se apertava”⁶⁷ para assistir a partida. Forjado em primeira mão em meio àquelas disputas, tal sentimento foi gradativamente transformando-se em lugar comum entre os comentaristas esportivos dos anos e décadas seguintes, dando a ver a força do jogo como elemento aglutinador da identidade nacional.

Era o que acontecia, em 1925, por ocasião da vitoriosa excursão do Paulistano à Europa, quando esses foram chamados pelos “supercivilizados europeus”⁶⁸ de “Les rois du football” (Reis do Futebol) – com destaque para o mestiço Arthur Friedenreich, que se sagrou como o grande artilheiro. O sucesso dessa empreitada fez com que Thomaz Mazzoni lançasse a *Revista Ilustrada* esportiva em 1925, retratando a campanha vitoriosa do clube paulista,⁶⁹ assim como escrevesse textos com forte teor nacionalistas para o então jornal que trabalhava.⁷⁰ O retorno da delegação com nove vitórias e apenas uma derrota causou grande comoção na capital paulistana, como relata o próprio Mazzoni:

“Poucas vezes até então, a capital paulista assistira a uma recepção tão entusiástica em suas ruas. O comércio quase que fechou totalmente. A estação da Luz foi tomada pelo povo. Centenas e centenas de automóveis formaram o cortejo organizado pela Associação de Cronistas, mas a torcida alucinada arrancou os jogadores dos carros e os levou em triunfo pela cidade”.⁷¹

⁶⁶ BARRETO, Paulo Apud PEREIRA, Leonardo. Op. Cit. P. 105.

⁶⁷ “Matches internacionais” In *Correio da Manhã*, 11 de Julho de 1908 Apud. PEREIRA, Leonardo. Op. Cit. P. 103.

⁶⁸ MAZZONI, Thomaz. *O Brasil na Taça do Mundo*. Op. Cit. P. 51.

⁶⁹ RIBEIRO, André. *Os donos do espetáculo: histórias da imprensa esportiva no Brasil*. Ed. Terceiro Nome. São Paulo, 2007. P. 64.

⁷⁰ Ver. Cap. I.

⁷¹ MAZZONI, Thomaz Apud RIBEIRO, André. Op. Cit. P. 64.

Exemplos como esses demonstravam como sob a emoção das vitórias esportivas poderia se forjar uma imagem de unidade nacional. Isto porque, juntamente com os carros da elite paulistana estaria o “povo”, essa “torcida alucinada” que tomou para si a comemoração da campanha de um clube formado e crescido a partir da elite local. Dessa forma o autor, no calor do momento, sentiu como o amor à pátria poderia ser alimentado por vitórias esportivas, nas quais onze homens representariam toda uma nação, independente de suas origens sociais ou outras diferenças.

Concepções como estas em relação ao futebol não foram exclusividade de Thomaz Mazzoni. Cronistas como ele apenas retrabalharam um discurso e sentimento que se fazia diariamente entre as ruas a partir dos fanáticos torcedores, construindo esta associação a cada embate que envolvia a seleção brasileira. A obra ainda inacabada da nacionalidade brasileira poderia por meio do esporte ser construída, e era essa a proposta que Thomaz Mazzoni defendia e, por esta razão, acreditava e cobrava que o desporto nacional fosse uma verdadeira política de Estado, o que supostamente o transformaria em força viva da nação, como escreveu em sucessivos textos.

Compreende-se, assim, a ênfase na organização do esporte de uma maneira geral. Através desse mecanismo seria possível obter novos bons resultados, como as vitórias vistas em 1925, e por meio deles construir ainda mais a identificação entre os brasileiros. Seria também, por isso, que propôs a cadeira de História do Esporte para o Ministro Capanema, onde as vitórias de outrora deveriam ser lembradas e popularizadas entre os mais novos, para que estes não se esqueçam dos resultados positivos e construam uma espécie de orgulho nacional por meio do esporte. Se o Brasil estava longe em termos econômicos e sociais de alguns países europeus, em uma década fortemente marcada pelo nacionalismo, Thomaz Mazzoni entendia no esporte um excelente meio para se construir o sentimento pátrio através das vitórias contra as diferentes nações estrangeiras.

Como Koselleck afirma: “é que tão logo uma palavra seja usada com um significado específico e com referência a uma realidade específica, ela é única”,⁷² ou seja, as palavras usadas por Mazzoni para designar a seleção brasileira são únicas, respondem e estão sempre relacionadas a experiências de seu tempo. Contudo, “o que se passa, empiricamente, é que leitores posteriores emprestam a esses conceitos significados e aplicações distintas, mais ou menos associados aos usos anteriores”.⁷³ Dessa forma, as ideias do jornalista, e de outros agentes sociais, em torno da importância do esporte e dos selecionados nacionais contribuíram para a atual tênue diferença entre a seleção do Brasil e o país Brasil. Processo este que ainda estava se construindo em meados da década de 30 e 40, mas que hoje nos faz muito sentido.

⁷² KOSELLECK, R. Apud JASMIN, Marcelo Gantus e JUNIOR, João Feres. “História dos conceitos: dois momentos de um encontro intelectual.” In *História dos conceitos: deates e perspectivas*. Org. JASMIN, Marcelo Gantus e JUNIOR, João Feres. Ed. PUC – RIO: Edições Loyola: IUPERJ. Rio de Janeiro, 2006. P. 25.

⁷³ JASMIN, Marcelo Gantus e JUNIOR, João Feres. Op. Cit. P. 25.